

# Revista de Cultura

Ano X – Num. 112, Abril – 1936

Diretor: Pe. Thomas Fontes

Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

## UM POETA MATO-GROSSENSE

(Págs. 217 a 222)

**Biblioteca Virtual José de Mesquita**

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

JOÃO PEDRO DA VEIGA MIRANDA

### UM POETA MATOGROSSENSE

#### I

Nesta hora em que a fúria de uma chamada, «renovação literária» apedreja a sem piedade tudo quanto recenda aos moldes ate ha pouco consagrados como padrões de arte, torna-se perigosa, senão temerária, a apresentação de um poeta em cujos versos encontramos como que a ressonância das suaves estrophes de Gonçalves Crespo, de Luis Guimarães Junior, de Mario Pederneiras, de um poeta que não trepida em arrostar os perigos da lapidação feroz pelos modernistas perpetrando essa cousa para elles ignominiosa que se chama — soneto.

Pouco importa, uivem, bradem, sapateiem os iconoclastas, rebeldes aos rhythmos e ao estiylo. Acolhamos o poeta, prestando-lhe, como numa sala de visitas de cerimonia, as honras que merecem os hospedes de prol e distinção.

O meu saudoso amigo e mestre Silva Ramos, discorrendo sobre os «Estudos Brasileiros» de José Veríssimo, escreveu algumas palavras que traduzem fielmente a declaração que me teria de cahir da penna ao iniciar a apreciação dos livros do poeta mato-grossense sr. José de Mesquita.

São as seguintes;

«Emquanto a mim, o único critério em literatura, compatível com o nosso século, é o que faz consistir a perfeição da obra literária na commoção viva que ella produz, ou no desvende um trecho da natureza ou do interior de uma alma, um aspecto do mundo real ou uma imagem do mundo dos sonhos.

«Á critica, desilludida das suas velhas crenças, só lhe resta manter-se naquelle suave scepticismo que lhe permite aceitar todas as formas, abraçar todos os processos, sem acreditar em nenhum delles como definitivo e absoluto, pois que tudo rola como o planeta em que vivemos . . .»

### UM POETA MATO-GROSSENSE

Ora, aquella commoção viva produzida ao desvendar «um trecho da natureza ou do interior de uma alma, um aspecto do mundo real ou uma imagem do mundo dos sonhos» deu-m'a a obra do sr. José de Mesquita com a maior facilidade, ora sob a forma de suavíssimo enternecimento, ora nostálgica admiração perante quadros da natureza, ora ainda em raptos de entusiasmo pela evocação de scenas e episódios da nossa Historia, quer nos tempos coloniaes, quer na phase já independente.

Não foi preciso esforço para reconhecer um de apurada sensibilidade, uma dessas almas delicadas, capazes de, nas cousas mais simples, vislumbrar as aspectos emotivos, dessas criaturas cujo olhar possui daltonismo precioso que transnuda em cores vivas, attrahentes, pitorescas, o tom corriqueiro e trivial de tudo neste mundo . . Ora, ou muito me engano, ou isto é precisamente o apanágio do artista, a característica dos poetas.

O prisma pelo qual esse observador encara a vida e o mundo não obscurece nem deforma as figuras, não tolda nem mutila os quadros, como acontece com quantos preferem os efeitos pessimistas, os temas de revolta ou de lamentação — para a producção tantas vezes frustrada daquela «commoção viva» a que alude Silva Ramos. Phenomeno raro entre os poetas brasileiros, este não usa os ingredientes habituaes da adjectivação sinistra, das imprecações desalentadas contra o destino, a vida e o amor. Não recorre aos excitantes, também. A caixa de tintas desse aquarellista não possui os tons excessivos — o negro, o roxo, o cinzento, o amarello, a servir de ornatos ás idéas lúgubres da Morte, da Paixão infeliz, do Tédio doentio e do amargo Desespero. A sua paleta vivaz, sorridente, prefere as nuanças discretas, os tons róseos, verdoengos, branquecentos, azulados . . .

### JOÃO PEDRO DA VEIGA MIRANDA

Corre mundo a idéa de que a Poesia deve nascer da Dor. É um principio falso, que tem originado esse velho cantochão de versos tristes, implacáveis de monotonia, A Poesia nasce da Emoção, e esta tanto pode derivar da tristeza como da alegria, do infortúnio como da felicidade. Este mundo, não é exclusivamente o valle de lagrimas; é, para muita gente, ou para quasi toda gente, durante lapsos consideráveis das respectivas existências, um horto de caricias, um jardim de amenidades e prazeres. Por que motivo o Poeta se há de tornar orgam de preferênciam do Pranto, e jamais do Riso, ou pelo menos do sorriso, que é desde a expressão quintessenciada, espiritualizada?

Bemvidos, pois, os poetas como o sr. José de Mesquita, cujos versos não plangem a finados mas replicam alacrememente a matinas ou, quando muito, nos melancolizam nas baladas vesperaes do «Angelus».

Dos três volumes de versos do sr. José de Mesquita, *Poesias* (1919), *Terra do Berço* (1927) e *Da Epopéia Mato-grossense* (1930), só o primeiro encerra o que se poderia chamar «feição subjectiva» isto é, a estylização em rhythmos e rimas das sensações intimas, originadas nesse maravilhoso filão de arte que se chama o Amor.

Não tarda a verificar o leitor achar-se na presença de um espírito meditativo e sonhador, dotado de penetração subtil, de preferências denotadoras de fidalguia de gosto e de requintada cultura, cultura, porém, jamais alardeada ou exhibida vaidosamente. Um sensitivo sem pieguices, isto é — um sentimental que escapa aos exageros do romanticismo, um nostálgico de outras eras que, porém não vive a chorar de tédio por haver nascido agora.

Elle se define:

*Tenho uma alma de rude primitivo  
cheia de nostalgia do passado  
e no presente a contragosto vivo  
como um pobre exilado,*

## UM POETA MATO-GROSSENSE

Dahi decorre um confronto de scenas e figuras de hoje e da Hellade, que estas duas estrophes encerram formosamente:

*Sábios, pelos jardins da Academia,  
discutem as questões mais elevadas,  
mas eis que vêem passar uma theoria  
de bacchantes rosadas.*

*E a belleza os empolga inteiramente  
e ei-os que a seguem. Nada mais exigem . . .  
A Hellade divina é certamente  
o meu país de origem . . .*

Talvez se nos depare ahi, condensado num symbolo de saboroso classicismo, o perfil exacto do poeta, homem obrigado ao convívio dos philosophos e juristas, mas attrahido a cada passo pela sarabanda das bellezas da Arte, como os sábios do jardim de Academus pelas bacchantes rosadas. Esquece os debates forenses, alheia-se á doutrinação do Direito, no enlevo de segui-las. «E nada mais exigem . . .»

## II

Acompanhemo-lo, indiscretamente, nessa peregrinação.

Acompanhemo-lo desde o instante inicial, quando o poeta compõe o «prelúdio» da futura ópera, imaginando, prevendo, adivinhando a sua heroína. Trá-la como um ideal na mente:

*Á força já de imaginá-la  
sinto-a real diante de mim:  
vejo-lhe o riso, ouço-lhe a fala . . .  
Já se viu caso estranho assim?*

## JOÃO PEDRO DA VEIGA MIRANDA

Ah! meu querido Antonio Nobre! . . . Como todos nós sentimos, ao despertarmos para o Amor, a tua perplexidade, a tua angustia! A tua «Purinha» é aencantada de todos nossos sonhos, a sonhada de todos os nossos enlevos primaveris!

*O Espírito, a Nuvem, a Sombra, a Chimera,  
Que (aonde não sei) neste Mundo me espera;  
Aquella que, um dia, mais leve que a bruma,  
Toda cheia de véus, como uma Espuma,  
O Sr. Padre me dará pra mim  
E a seus pés me dirá toda corada: — SIM!*

Ao nosso poeta mato-grossense sorriu a dita de encontrar aquella «mulher que tem da onda — a mysteriosa alma no olhar — e o riso como o da Gioconda — de uma belleza singular».

Encontrou-a, e todos os seus versos celebram a felicidade idyllica, serena, de um casal que se ama.

Deparou-se-lhe o ideal em um typo que o seu estro descreve aos poucos, maravilhosamente, entre nuanças subtis, aqui um traço delicado, alli uma suggestão mal definida, resultando da serie de esboços uma figura lirial de inquietante realidade, mixto de requintes espirituaes e de fascinadora bondade.

*Há no teu todo esguio singular  
qualquer cousa de leve e fugidio,  
de ondeante e doce como a água de um rio  
reflectindo o luar.*

Quem ficará insensível a essa pintura em tom claro-escuro, como o das telas flamengas, mas produzindo realce admirável da imagem retratada? Quem não fará immediatamente a idéa de uma exquisita (no sentido particular da palavra — cousa excellente e rara) criatura, enneuada em melancolia, como anjo que se sente transplantado para a terra e deseja voar para muito longe?

### UM POETA MATO-GROSSENSE

O valor da poesia é evocar, sugerir. Talvez que á minha fantasia esses versos digam cousa diferente (é mais que provável) do que pretendeu dizer o autor. Mas nisto consiste o seu melhor merecimento.

Juro que o meu leitor estará ansioso por alguns outros delineamentos da delicada figura, e não me furto ao prazer de dar-lh'os . . .

*Eu já te conheci  
Nalgum país em que já nos amâmos . . .  
Muitas vezes, á tarde, tu assumes  
uma attitude de contemplativa  
em que resumes  
toda a belleza inexplicável, viva,  
da noite em que palpita a alma captiva  
dos sons, das cores, dos perfumes . . .*

Todos esses versos produzem uma emoção suave, desenhando a excelsa figura de uma mulher que não é vulgar, que se insinua ao nosso espírito como encarnação de outras possivelmente já por nós entrevistadas ou adivinhadas.

Tal effeito é obtido sem rebuscamentos, sem affectação literária. Temos a prova no seguinte: na primeira estrophe, em quatro versos, entra três vezes o advérbio — já —; qualquer escriptor inffecionado de Albalat riscaria, para evitar essa insistência, pelo menos um. O poeta, mais sensível á idea do que a essas nugas, não teve tal preocupação, e fez muito bem. Dahi resulta a impressão de espontaneidade, de naturalidade, que nos dão os seus versos.

Toda a primeira parte das *Poesias* é vazada nesse tom de lyrismo sadio, adequando-se-lhe bem as epigraphes *Epithalamio* e *Horas Felizes*, das duas partes consecutivas aos *Primeiros Tempos*. A gente fica a invejar a intimidade feliz que desabrocha em rimas de inalterável ternura, em madrigaes tecidos á maneira de Marivaux, mas por isso mesmo impregnados de particular encanto. Tal é a poesia «Teu olhar»,

### JOÃO PEDRO DA VEIGA MIRANDA

taes são as quadras «Em teu leque», a ultima da quaes nos dá a impressão — não de uma espanholada — mas de dizer a verdade.

«Phrases lyricas», «Andorinhas», «Foyer», «Ideal» são composições da mesma meiguice, rescendentes a um affecto que parece abençoado por Deus para demonstrar nestes tempos de constantes fallencias conjugaes — que ainda é possível a harmonia plenamente amorosa em um lar. Não significa terem faltado, ás vezes, ligeiros encrespamentos na superfície das águas mansas desse lago azul.

Os ranzinzas que andam por ahi a blaterar contra o «passadismo» gritarão que isso cheira a João de Deus, a Gonçalves Crespo, a Monsaraz: isso para mim em nada desmerece os versos. O que nelles se contem de graça, de ternura, e tão elegantemente se amolda á forma adoptada, é o essencial.

Não seria feliz nem abençoado por Deus tão decantado amor se não florisse em outros seres. A poesia «Aos meus filhinhos» responde a essa duvida. Duas estâncias dentre as nove ou dez:

*Por longas horas ficamos  
a fitar enternecidos  
vossas feições virginaes,  
e o amor com que vos amamos  
tal como cresceis, queridos,  
cresce cada dia mais.*

*O amor dos Paes é infinito,  
Pois que nelle se deparam  
múltiplas formas de amar,  
e em dizer-vos não hesito  
que os vossos Paes vos amaram  
ao começarem se amar . . .*

## UM POETA MATO-GROSSENSE

Mas a cúpula do pequenino e ridente edifício é formada pelas quatro formosas composições «Intimidade», «Manhã de núpcias», «Nosso romance» e «Poesia viva», aquellas três em sonoros e fluentes alexandrinos, esta em galhardos e tersos decasyllabos.

A vida é mesmo um tecido de fios imperceptíveis, mas o poeta sabe torná-los de seda, de ouro, de scintillações mágicas, de sorte que o que para o commum dos mortaes é um manto vulgar, se torna para elle uma linda capa de brocado, de pedrarias maravilhosas, em cuja contemplação os outros se quedam enlevados.

A varinha de condão que opera essa transformação é o que se chama Poesia, superior a escolas, a convenções, a modernismos e passadismos. Teve por pae um sujeito chamado Homero, que ainda hoje não passou de moda e é o maior de todos os poetas.

**VEIGA MIRANDA**